

REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

DOI: <http://doi.org/10.20873/TECSABEDU>

TECENDO SABERES: A INTERCULTURALIDADE E O ENSINO DE ARTES NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA AKWĒ-XERENTE

WEAVING KNOWLEDGE: INTERCULTURALITY AND ART EDUCATION IN AKWĒ-XERENTE INDIGENOUS SCHOOLING

TEJIENDO SABERES: LA INTERCULTURALIDAD Y LA ENSEÑANZA DE ARTES EN LA EDUCACIÓN ESCOLAR INDÍGENA AKWĒ-XERENTE

Raquel Castilho Souza¹
Adriana dos Reis Martins²
Karylleila dos Santos Andrade³
Edimar Srênôkrã Calixto Xerente⁴

Recebido 01/06/2024	Aprovado 06/08/2024	Publicado 30/08/2024
------------------------	------------------------	-------------------------

RESUMO: Este relato de experiência apresenta uma pesquisa de doutorado que culminou em um projeto de extensão na Universidade Federal do Tocantins (UFT). As atividades ocorreram na Escola Estadual Indígena Wakômêkwa, na Comunidade Riozinho Kakumhu, Reserva Akwê-Xerente, em Tocantínia no período entre 2017 a 2019, e envolveram docentes, discentes da UFT e a comunidade escolar indígena. O objetivo foi refletir sobre a concepção dos professores indígenas sobre o ensino das artes na escola, a partir da perspectiva da interculturalidade. Usando uma abordagem qualitativa com visitas *in loco*, observação participante e sondagem perceptual, foram elaborados dois materiais didáticos bilíngues sobre a cultura Akwê-Xerente. Conclui-se que as ações incentivaram o uso da língua materna no ensino e promoveram uma postura crítica decolonial, valorizando o saber tradicional.

PALAVRAS-CHAVE: Akwê-Xerente. Educação Escolar Indígena. Ensino das

¹ Doutora em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes – IA/UNESP - Dinter Interinstitucional UNESP – UFT. Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: raquelcastilho@mail.uft.edu.br | orcid.org/0000-0002-4758-5240.

² Doutora em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes – IA/UNESP - Dinter Interinstitucional UNESP – UFT. Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: adrianaarte@uft.edu.br | orcid.org/0000-0002-2021-3500.

³ Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo. Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: karylleila@gmail.com - orcid.org/0000-0001-6920-9206.

⁴ Graduado em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: edimarxerente@uft.edu.br.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

Artes. Interculturalidade.

ABSTRACT: This experience report presents a Ph.D. research project that culminated in an extension project at the Federal University of Tocantins (UFT), Brazil. The activities took place at the Wakõmëkwa Indigenous State School, in the Riozinho Kakumhu Community, Akwë-Xerente Reserve, in Tocantínia in the period between 2017 and 2019, and involved UFT professors and students, and the indigenous school community. The aim was to reflect on indigenous teachers' conception of art education at the school, from an intercultural perspective. Using a qualitative approach with on-site visits, participant observation, and perceptual probing, two bilingual teaching materials on Akwë-Xerente culture were developed. It was concluded that the actions encouraged the use of the mother tongue in teaching and promoted a decolonial critical stance, valuing traditional knowledge.

KEYWORDS: Akwë-Xerente. Art Education. Indigenous Schooling. Interculturality.

RESUMEN: Este informe de experiencia presenta una investigación doctoral que culminó en un proyecto de extensión en la Universidad Federal de Tocantins (UFT), Brasil. Las actividades se llevaron a cabo en la Escuela Estatal Indígena Wakõmëkwa, en la Comunidad Riozinho Kakumhu, Reserva Akwë-Xerente, en Tocantínia en el periodo comprendido entre 2017 y 2019, e involucraron a docentes, estudiantes de la UFT y la comunidad escolar indígena. El objetivo fue reflexionar sobre la concepción de los profesores indígenas sobre la enseñanza de las artes en la escuela, desde una perspectiva intercultural. Utilizando un enfoque cualitativo con visitas in situ, observación participante y sondeo perceptual, se elaboraron dos materiales didácticos bilingües sobre la cultura Akwë-Xerente. Se concluyó que las acciones fomentaron el uso de la lengua materna en la enseñanza y promovieron una postura crítica decolonial, valorando el conocimiento tradicional.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza de Artes. Educación Escolar Indígena. Interculturalidad. Akwë-Xerente.

INTRODUÇÃO: O ENCONTRO - DA SIKRÁIKTÕ



ISSN nº 2595-7341

Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

Este relato de experiência apresenta o desdobramento de uma pesquisa de doutorado⁵ cuja temática foi a educação escolar indígena, resultando em um projeto de extensão vinculado ao Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins (UFT), junto à comunidade da Escola Estadual Indígena Wakõmëkwa, localizada na Comunidade Riozinho Kakumhu, Reserva Akwë-Xerente, na região do Município de Tocantínia, no estado de Tocantins.

O trabalho teve como objetivo compreender os processos interculturais, educacionais, identitários, midiáticos e memorialísticos, promovendo ações de formação educacional, revitalização da cultura e produção de material didático bilíngue em língua Akwë, da família Jê, do tronco Macro-Jê⁶ (UFT, 2016). O foco inicial foi refletir sobre a concepção dos professores indígenas acerca do ensino das artes na escola Wakõmëkwa, a partir da perspectiva da interculturalidade. Reflexões nesse sentido, apontam questões originadas pelas culturas tradicionais, reconhecendo as identidades étnicas, de gênero e de geração, assim como, sobre os direitos de igualdade com os direitos da diferença. Essas discussões no campo educacional, perpassam por diálogos sobre a pluralidade cultural para o exercício de uma cidadania plural. (Fleuri, 2006). O estudo abordou questões referentes às diversidades culturais no contexto educacional, que vêm se intensificando em nossa sociedade diante das construções históricas e políticas culturais.

O projeto está relacionado com questões envolvendo grupos sociais vulneráveis no contexto da educação, assim como metodologias e

⁵ Vale destacar que o projeto de pesquisa de doutorado, com ações extensionistas, foi submetido à apreciação e análise da FUNAI, do Comitê de Ética e Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), por meio da Plataforma Brasil.

⁶ Macro-Jê refere-se a um dos grupos maiores (troncos) que correspondem às variedades linguísticas dos indígenas. Ligadas a esses grupos, existem as famílias linguísticas genéticas e a língua, sendo a família linguística Jê e a língua Akwë.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

estratégias de ensino e aprendizagem para esse público, especificamente povos indígenas. Desde o início, teve como objetivo promover ações para a formação de professores indígenas que atuam na escola, baseadas em propostas didático-pedagógicas de cunho extensionista, tanto de pesquisa teórica quanto aplicada. Para isso, foi necessário reconhecer os caminhos e a utilidade de cada um deles para desenvolver o estudo e as intervenções. Por ser uma atividade de aproximação da realidade social, foi preciso harmonizar teorias, métodos, dados, reflexões e ações, prevendo as dificuldades, conflitos, contradições e problemas que poderiam surgir.

O estudo realizado constituiu-se em uma pesquisa social desenvolvida na perspectiva da etnografia multissituada, amparada pela abordagem qualitativa. Para desenvolver o que aqui se propôs, foi necessário apreender o contexto inserido, compreendendo o sistema de valores e o modo de vida, as relações de poder, o silenciamento e as resistências que podem influenciar a comunidade indígena e, conseqüentemente, a rotina escolar dessa comunidade. A pesquisa, sob a perspectiva da etnografia multissituada, busca possibilitar, segundo Oliveira (2017, p. 72), “uma escuta sensível a pessoas e coletividades que, inviabilizadas e subalternizadas na história, fazem ecoar outros saberes”. Do pesquisador, é exigida uma mudança de *locus*, um desprendimento do seu contexto cultural de origem, direcionando-se para outro cenário que pode ser, inicialmente, estrangeiro ou oculto.

Os participantes da pesquisa atuaram para localizar, entender e propor soluções para o problema deste estudo por meio de atividades que pudessem aproximar o universo simbólico da realidade curricular da escola, fortalecendo iniciativas pretéritas e remanescentes, focadas no universo de uma pesquisa-ação. Na primeira fase da investigação, foram adotadas técnicas de pesquisa como a observação participante; na segunda fase, por meio de



ISSN nº 2595-7341

Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

rodas de conversa, realizou-se uma sondagem perceptual. A observação da rotina escolar possibilitou o contato direto com o campo de pesquisa e as experiências cotidianas dos sujeitos em relação ao objeto de investigação.

É importante destacar que, por meio de um processo de rememoração e socialização, os participantes puderam apresentar trajetórias que articulam passado, presente e futuro. Durante as rodas de conversas, por meio do jeito próprio de falar de cada participante, emergiram sentimentos, emoções, experiências positivas e/ou negativas, e também conflitos. Os registros dos dados foram feitos por meio de anotações e fotografias, possibilitando verificar “o potencial integrador das experiências de vida que observava, narrava e comentava” (Warschauer, 2017, p. 62). Participaram da pesquisa seis professores da escola, o diretor e o secretário. As ações em campo com a comunidade escolar ocorreram de 2017 a 2019, e as aulas de artes observadas foram as dos anos iniciais do ensino fundamental.

Para refletir sobre a educação nos tempos atuais, considerou-se a diversidade cultural nos espaços escolares e o ensino com propostas curriculares na perspectiva da interculturalidade. Para isso, foram revisitados termos como cultura, tradição cultural, prática cultural, capital simbólico e *habitus* (Geertz, 2015; Santos, Meneses, 2010). Compreender essas terminologias foi essencial para o projeto. Dessa forma, buscou-se uma aproximação epistemológica com os aspectos político-culturais e didático-escolares, visando compreender a interculturalidade na comunidade pesquisada (Souza, 2019).

As reflexões apresentadas permitiram demonstrar dados sobre as políticas e as normatizações legais que asseguram a implementação e o desenvolvimento de ações educativas de uma educação intercultural indígena, especificamente, a da Escola Estadual Indígena Wakōmēkwa. As análises



ISSN nº 2595-7341

Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

apontaram que as ações pedagógicas interculturais não estão em consonância com a realidade local pesquisada.

ENCONTRANDO A ARTE NA ESCOLA INDÍGENA - ROMKMĀDKĀ ITSĀMRI AKWĒ NIMR ROWAHTUZEM WA

Como professoras da UFT, iniciamos nosso caminho nas atividades de pesquisa e extensão. O ensino no curso de Licenciatura em Teatro e o programa de doutorado⁷ nos aproximaram das linguagens artísticas, focando em ações didático-interculturais com povos indígenas. Isso nos levou a refletir sobre o ensino das artes na educação indígena. Experiências e conceitos foram modificados e desconstruídos ao longo do caminho, considerando o contexto histórico, didático e cultural da educação indígena no campo das artes. A partir disso, começamos a visitar as escolas indígenas e essas visitas resultaram em um projeto de extensão desenvolvido por quatro instituições de ensino superior: UFT, UNESP e Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS).

Inicialmente, as visitas a campo foram realizadas em duas comunidades indígenas⁸: Comunidade Salto Kripre, na Escola Indígena Waĩkarnãse, e Comunidade Riozinho Kakumhu, na Escola Estadual Indígena Wakõmẽkwa. Com base nas visitas, escolhemos a Escola Estadual Indígena Wakõmẽkwa para a pesquisa e atividades de extensão. A motivação para desenvolver as ações nessa escola se deu por ter logo de início identificado que na comunidade, as festas não estavam acontecendo regularmente e, quando ocorriam eram por solicitações dos anciões e os caciques; outro fator que

⁷ Programa de Pós-Graduação em Artes para o curso de Doutorado Interinstitucional (Dinter) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)/UFT, na área de Arte e Educação, na Linha de Pesquisa de Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural.

⁸ A escolha pelo povo Akwẽ-Xerente se deu pela proximidade das comunidades com a cidade de Palmas.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

contribuiu na definição da escola se deu em razão da falta de estrutura física e pedagógica identificada claramente nas primeiras visitas. A ausência de materiais pedagógicos para trabalharem, de acervos foi perceptível. As dificuldades dos professores eram enormes, diante das limitações profissionais, inclusive por falta de capacitação técnica e pedagógica. Além da demonstração de interesse dos mesmos, pela presença da universidade na escola.

O livro didático adotado pela escola é fornecido pela SEDUC e está em português. Como material em Akwẽ, foram encontrados o *Dicionário Escolar Xerente-Português/Português-Xerente* (Krieger; Krieger, 1994) e duas apostilas: *Escrita Xerente – A Sílabas*⁹ e *Akwẽ Xerente Nĩm Hêsuka – Rowahuzem Nnãkrta Pibumã (Cartilha Akwẽ Xerente – Séries Iniciais)*¹⁰, frequentemente usadas pelos professores de artes (Souza, 2019). Durante as visitas à Escola Estadual Indígena Wakõmẽkwa, na Comunidade Riozinho Kakumhu¹¹, identificamos a oferta de ensino do 1º ao 9º anos do ensino fundamental e educação de jovens e adultos (EJA) – 2º e 3º segmentos do ensino médio –, todas em turmas multisseriadas. A escola existe desde 2002 e possui novas instalações desde 2012 (Figura 1).

⁹ A apostila foi preparada por Rinaldo Martins, em maio de 2000, na cidade de Miracema do Tocantins.

¹⁰ O material foi confeccionado por um grupo de indígenas Akwẽ-Xerente (Wilson Suwate, Cláudio Kumrĩzdazê, Vitorino Mârawẽ, Bonfim Sizdazê, Vilmar Kmõmse, Valnice kazudi e Manuel Sirnãrê), para a alfabetização em Akwẽ, com elementos da cultura. Foi reproduzida em Tocantínia, em 2000, com impressão aparentemente doméstica.

¹¹ Segundo o Cacique, Kakumhu significa árvores de jatobá e frio.

Figura 1: Sede atual da Escola Estadual Indígena Wakömëkwa



Fonte: acervo particular das pesquisadoras

Nas conversas com os professores da escola, foi destacada a necessidade de ensinar às crianças a história local para revitalizar as questões indígenas, valorizando a tradição. Os professores sentem a urgência de preservar ao menos as questões culturais, pois muitos indígenas estão migrando para locais que não lhes pertencem. Eles acreditam que a escola é o lugar ideal para iniciar essa reflexão. O professor de artes, que ensina pintura e música, relatou que busca materializar o trabalho em objeto artístico.

Na Comunidade Riozinho Kakumhu, as festas não estão acontecendo regularmente e, quando ocorrem, são os anciões e os caciques que as determinam. Existe a tentativa de retomar as festas a partir das atividades da escola junto à comunidade. Para eles, comunidade e escola são uma coisa só, ou seja, eles não aprendem somente no espaço escolar, mas no cotidiano da comunidade (Souza, 2019).

Um professor indígena expôs o seguinte: *“A gente aprende todos os dias. Não só na escola. As crianças chegam na escola com a oralidade do Akwë e, na escola, elas aprendem a escrita”*. Outro professor destacou que *“A escola tem o papel de pertencimento e de aproximar a cultura xerente. A escola é para a comunidade e a comunidade é para a escola. A escola*



ISSN nº 2595-7341

Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

pertence ao povo xerente” Na fala de outro professor, “Comunidade e escola são uma coisa só, então, precisam envolver ambas nas atividades culturais”.

Durante as visitas à escola, foi evidente a carência tanto de estrutura física quanto pedagógica. A falta de materiais didáticos e de recursos educacionais era visível. Os professores enfrentam enormes dificuldades e compartilharam suas limitações de forma sincera, reconhecendo a falta de capacitação técnica e pedagógica. Suas exposições foram humildes e sensíveis, refletindo uma realidade desafiadora. Seus relatos foram genuínos, evidenciando suas necessidades e mostrando um forte compromisso com o ensino, apesar dos obstáculos diários que enfrentam e que são perceptíveis a todos (Souza, 2019).

A reunião com esses professores trouxe outra perspectiva para o modo de ver a cultura indígena, o que nos motivou a desenvolver tanto a pesquisa de doutorado nesse ambiente escolar e a vinculá-la a ações extensionistas. Observou-se ainda, a relação coletiva existente entre os indígenas: de humanidade, de vontade de estar junto com o outro. A sensação é de que eles são povos de fronteiras e que vivem no limiar entre as diferentes tradições e modos de viver deles e dos não indígenas.

O diretor da escola explicou que os anciãos são pessoas com grande influência na comunidade, aconselhando os membros da família na língua materna. Aqueles que ouvem os anciãos permanecem em completo silêncio, demonstrando respeito pela organização social da comunidade indígena. Normalmente, os anciãos são escolhidos por outro ancião (geralmente de pai para filho), alguém com profundo conhecimento cultural e tradicional do povo, já que a transmissão cultural ocorre principalmente pela oralidade (Souza, 2019).



ISSN nº 2595-7341

Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

Os educadores indígenas expressam preocupação com a preservação das tradições, questionando se estas estão sendo perdidas ou esquecidas. Do ponto de vista da comunidade indígena, é crucial que a escola abrace e reflita sobre as questões tradicionais indígenas. O diretor enfatizou que a educação escolar indígena deve ser diferenciada, concentrando-se especialmente na cultura, práticas culturais e língua, enquanto reconhece que o conhecimento é universal e o sistema não indígena está presente na escola indígena. Desse modo, uma diferença precisa ser somada a outra diferença, uma vez que a articulação entre os diferentes sistemas de ensino, ancorados na tradição indígena de educação, é que pode tornar a escola intercultural (Souza, 2019).

Com relação à educação indígena, tanto a legislação nacional (Brasil, 2013) quanto a estadual (Tocantins, 2009; PEE/TO, 2015) determinam que as crianças devem ser alfabetizadas na língua materna e que, do 5º ao 9º ano, o ensino deve ocorrer em ambas as línguas. No entanto, devido à ausência de livros didáticos na língua indígena, a escola começou a introduzir a segunda língua desde o 2º ano com tradução. Todos os materiais didáticos disponíveis são em português, e os professores precisam usar a língua materna para preservar a cultura. Embora utilizem alguns materiais escritos em Akwẽ, estes não foram elaborados por eles. Os professores enfrentam dificuldades para produzir materiais escrever em Akwẽ e em português, o “que está na memória”. Há uma urgente necessidade de material didático na língua materna e esperam contribuições para a elaboração desses materiais, especialmente para a alfabetização (Souza, 2019).

A partir dos relatos da comunidade escolar, destacamos o aspecto do “esquecimento” ou “perda” da tradição cultural indígena, e a necessidade de revitalização dessas práticas. Santos (2010) explora o esquecimento como um processo de aprendizagem contínua, no qual o conhecimento antigo pode ser



ISSN nº 2595-7341

Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

esquecido ou “desaprendido” diante da assimilação de novas informações. Além disso, foi essencial refletir sobre a construção de uma proposta curricular intercultural crítica para essa escola indígena, utilizando as artes como uma oportunidade para ampliar a sensibilidade e a visão de mundo da comunidade. Acredita-se que dessa forma seja possível fortalecer o acesso a novos conhecimentos integrados às tradições dos povos indígenas. Foi necessário também considerar as diretrizes legais que orientam a educação e o funcionamento da escola para essa compreensão.

Durante o estudo e as atividades desenvolvidas, o espaço se configurou como um produto de interações contínuas, constantemente moldado pela atividade humana. Dentro dele, encontramos uma multiplicabilidade de visões de mundo (Falzon, 2009). Esta proposta se distinguiu pelo deslocamento experienciado pelo pesquisador e pelo movimento de ida e volta que a multissituacionalidade implica, gerando tanto estranhamento quanto familiaridade ao buscar compreender outra realidade.

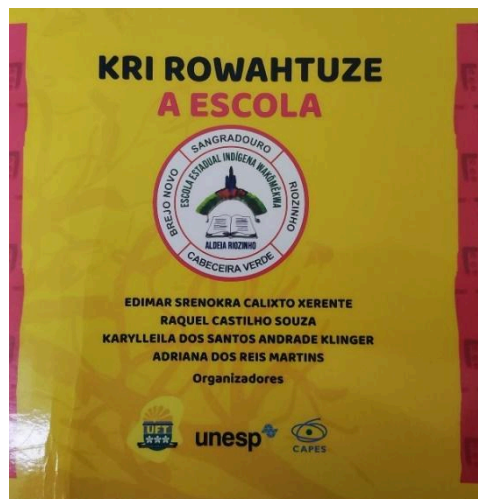
Em cada encontro temático, os participantes conduziram atividades seguindo um roteiro que abordava a importância da escola para a comunidade, sua cultura e o ensino das artes. Após as discussões e o compartilhamento de impressões sobre os temas, os participantes elaboravam textos para registrar o que havia sido refletido. Em seguida, realizavam desenhos livres relacionados ao tema, compartilhando suas produções e significados com os colegas (Souza, 2019).

Com base nas rodas de conversa e nos registros coletados, foram obtidos subsídios para desenvolver materiais didáticos em Akwẽ sobre a cultura Akwẽ-Xerente. Os textos e desenhos dessas atividades foram transformados em propostas de projetos para a elaboração e produção de material didático bilíngue para a escola em questão, visando seu uso em sala

de aula após impressão e publicação. O processo de elaboração desses materiais demandou tempo e dedicação, incluindo uma fase crucial de reescrita dos textos. Todos os professores participaram ativamente na elaboração, revisão e tradução dos textos. Os participantes também contribuíram na definição da ordem das informações nos materiais, aprovando a versão final e a diagramação antes da edição e impressão¹².

A publicação desses materiais ocorreu nos anos de 2019 (Figura 2) e 2020 (Figura 3). Os livros foram escritos em duas línguas: a língua materna, akwẽ- Akwẽ-Xerente, e o português. Ambos são frutos de um trabalho coletivo entre os membros da comunidade escolar, cujo objetivo foi fortalecer a identidade e a comunicação do povo Akwẽ-Xerente junto aos estudantes.

Figura 2: Capa do livro didático *Kri rowahtuze - A escola*



Fonte: Xerente *et al.* (2019)

¹² A formatação e impressão do material didático foram possíveis por meio de recursos financeiros da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) disponibilizados ao Dinter do Programa de Pós-Graduação em Artes (UNESP/UFT). O custeio tinha como finalidade a materialização de produtos resultantes das teses que apresentassem como características a responsabilidade e a inserção social.



Figura 3: Capa do livro didático *Akwẽ Nĩm Romkmãdã - Cultura e arte akwẽ-xerente*



Fonte: Xerente *et al.* (2020)

Em uma visita, realizou-se uma Oficina da Língua Akwẽ para os professores pesquisadores e estudantes da UFT envolvidos no projeto, junto com a participação de membros da comunidade, pais e alunos, que discutiram a relevância da escola naquela localidade. As atividades foram cuidadosamente planejadas considerando a cultura, a rotina e as características específicas da escola, além do momento de transição e adaptação enfrentado pela gestão na época. Houve também conversas informais com uma anciã, com o cacique e outros membros da comunidade. O foco dessas conversas foi a cultura Akwẽ-Xerente, sua história no Brasil e em Tocantins, enfatizando os seguintes aspectos: seu surgimento e sua cultura no



ISSN nº 2595-7341

Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

Brasil e em Tocantins; o significado de ser Akwẽ-Xerente; a cultura Akwẽ-Xerente e a arte Akwẽ-Xerente¹³.

Com essas iniciativas, buscamos estabelecer um diálogo entre dois mundos, permitindo que os povos indígenas, especificamente dessa comunidade, pudessem se beneficiar em sua luta por uma escola verdadeiramente intercultural, mas sob uma perspectiva decolonial e não eurocêntrica (Walsh, 2012; Mignolo, 2017). As ações fundamentadas no princípio da interculturalidade são viabilizadas por uma abordagem crítica decolonial, que não reduz o saber tradicional ao modelo epistemológico comum, burguês e capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho até aqui foi longo. Realizamos visitas técnicas à diferentes comunidades do povo Akwẽ-Xerente para vivenciar e desenvolver ações no campo. Estudar as legislações e as instituições educacionais responsáveis pela educação escolar indígena no estado do Tocantins, tanto em âmbito nacional quanto estadual, foi fundamental. Compreender uma realidade concreta e os símbolos envolvidos nesse contexto, a partir da cosmologia e epistemologia do povo Akwẽ-Xerente, desempenhou um papel crucial na pesquisa e nas ações desenvolvidas. Esse entendimento contribuiu significativamente para compreender a realidade e a cultura estudadas neste projeto: a educação escolar indígena intercultural e o ensino das artes como caminho para revitalizar e fortalecer a cultura Akwẽ-Xerente.

¹³ A arte indígena Akwẽ-Xerente para os povos da comunidade Riozinho diz respeito à beleza natural e o cotidiano da comunidade, com um estilo único. Todos os povos são artistas, e a arte está presente em festas, rituais, pinturas corporais, artesanato e na escola.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

Acreditamos que as atividades desenvolvidas contribuíram significativamente para a formação dos professores da escola. Além da produção do material didático, que continua sendo uma necessidade para a comunidade, as publicações resultantes das intervenções e ações foram essenciais para promover o uso contínuo da língua materna no contexto escolar, conforme previsto pela legislação. Logo, a responsabilidade acadêmica e social deste trabalho se pauta no compromisso que assumimos ao longo das intervenções, colaborando com a formação dos professores indígenas e da comunidade escolar, estimulando reflexões sobre suas práticas culturais no contexto educacional. Esperamos que, dessa forma, a comunidade indígena escolar seja estimulada a adotar uma perspectiva decolonial, rompendo com conhecimentos colonizados por meio de uma reorientação crítica de conceitos como cidadania, democracia, direitos humanos, humanidades e as formas de falar e praticar ações educativas baseadas na epistemologia fronteiriça.

Este projeto e as ações desenvolvidas se inseriram no estudo da educação escolar indígena com foco no ensino das artes, visando compreender as práticas educativas dos professores em processo de formação. Isso foi crucial para fortalecer as tradições culturais das comunidades indígenas. Através do ensino das artes na escola indígena, investigamos como essa prática se desenrola no cotidiano escolar e qual o significado dela para a comunidade.

Percebemos que a concretização de uma educação indígena intercultural crítica e pós-colonial ainda representa um desafio significativo para os educadores indígenas e todos os envolvidos nesse tipo de educação. O modo como a educação indígena vem sendo concebida está alicerçada nos modelos e nos sistemas educacionais colonizadores, o que tem gerado problemas na rotina escolar e, em muitos casos, impactos negativos na



ISSN nº 2595-7341

Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

comunidade, contribuindo para um processo de desterritorialização do povo Akwẽ-Xerente.

Portanto, podemos afirmar claramente que estar presente na comunidade indígena, estudar interculturalidade pós-colonial e vivenciar cada experiência em campo foram essenciais para nosso crescimento acadêmico, humano e social. O desejo de dialogar com a cultura local e a parceria com a UFT viabilizaram a realização e a continuidade do projeto. Nesse contexto, o desafio persiste para que a cultura indígena seja preservada nas escolas indígenas e que o ensino das artes contribua significativamente para esse processo. Portanto, o trabalho continua na Escola Estadual Indígena Wakõmẽkwa, objetivando desenvolver atividades que resultem na criação de material didático bilíngue, inter e transcultural.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 8. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

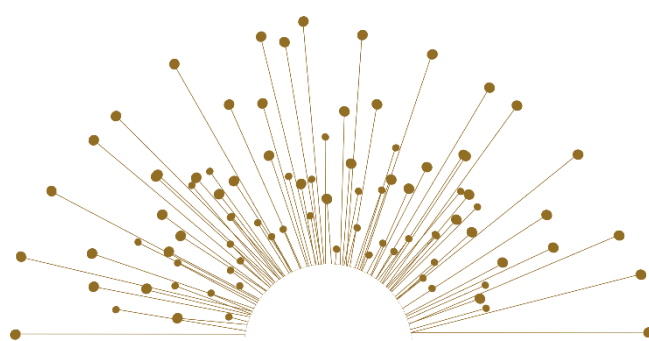
FALZON, M. A. **Multi-Sited Ethnography**: Theory, Praxis, and Locality in Contemporary Social Research. Londres: Ashgate, 2009.

FLEURI, R. M. Políticas da Diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 27, n. 95, p. 495-520, maio/ago. 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

KRIEGER, W. B; KRIEGER, G. (Orgs.). **Dicionário Escolar**: Xerente-Português; Português-Xerente. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, 1994.

MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 91, p. 12-32, 2017.



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

OLIVEIRA, L. de. Etnografia, pesquisa multissituada e produção de conhecimento no campo da comunicação. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, v. 5, n. 10, p. 72-81, 2017.

PEE/TO. **Plano Estadual de Educação do Tocantins – PEE/TO (2015-2025)** Lei Nº 2.977, de 8 de julho de 2015.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

SANTOS, B. de S.; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, R. C. **A educação escolar indígena intercultural e o ensino das artes**: um olhar sobre as práticas da escola Wakömëkwa na comunidade Riozinho Kakumhu - povo Xerente - Tocantins. São Paulo: Unesp, 2019.

TOCANTINS. **LEI Nº 2.139, DE 3 DE SETEMBRO DE 2009**. Publicada no Diário Oficial nº 2.970. Governador do Estado do Tocantins - Assembleia Legislativa do Estado do Tocantins, 2009.

UFT. **Interculturalidade, Identidade e Memória**: desafios socioculturais, midiáticos e educacionais nas Aldeias Riozinho e Salto, Povo Xerente, no Estado do Tocantins. Projeto de Pesquisa e Extensão. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2016.

WALSH, C. Interculturalidad y (de)colonialidad: perspectivas críticas y políticas. **Visão Global**, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, 2012.

WARSCHAUER, C. **A Roda e o Registro**: uma parceria entre professores, alunos e conhecimento. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.